

DO SETOR PRIVADO  
NO BRASIL

Itaú

XEROX

RIO NOVO

GAFISA

CITIBANCO

Choksi, do Bird, falou no seminário da FGV: apesar da estagnação e da inflação, elogios às reformas econômicas do governo.



Ronaldo Theobald/AE

## Diretor do Banco Mundial elogia mudanças, mas vê estagnação no País.

O diretor do Departamento da América Latina e do Caribe do Banco Mundial (Bird), Armeane Choksi, tem um diagnóstico claro para o estado da economia brasileira: estagnação, mistura de inflação alta com estagnação. Choksi, que participou ontem no Rio de um seminário sobre desenvolvimento do setor privado, promovido pela Fundação Getúlio Vargas, não acredita que o ajuste da economia exija necessariamente mais recessão. Mas evitou apresentar fórmulas para o País: "A receita deve ser brasileira."

O diretor do Bird elogiou muito o governo Collor — e em particular o ministro Marcílio Marques Moreira — pelas mudanças estruturais que vem promovendo na economia. Choksi citou a desregulamentação, a abertura do mercado, a privatização e a redução do intervencionismo estatal, e lembrou que reformas desse alcance não podem ser indolores. "Setores que antes eram protegidos vão so-

frer, sem dúvida", reconheceu, ponderando que até hoje as alterações de normas na economia brasileira eram frequentes e voltadas para o curto prazo. "Nas reformas estruturais temos visto estabilidade", elogiou.

O diretor do Bird comparou os exemplos do Chile e da Venezuela para expor as vantagens de conjugar a modernização econômica e a democratização política. No Chile, a economia passou por reformas sob uma ditadura militar, e as reformas demoraram 15 anos para consolidar-se. Na Venezuela, ao contrário, a democracia permitiu que as mudanças se processassem com maior rapidez. Ainda na área internacional, Choksi afastou qualquer preocupação quanto à redução dos empréstimos do Bird para o Brasil em consequência da crise na União Soviética. Embora já tenha solicitado ingresso, a URSS ainda não foi admitida no banco: o processo demora de dois a três anos, e até então o Bird só pres-

tará assistência técnica a Moscou, garantiu.

Choksi não soube informar quantos pedidos de empréstimos para o Brasil estão em análise no Bird, nem o seu valor total, mas lembrou que em julho a diretoria do banco aprovou dois créditos que somam US\$ 550 milhões, um para a Petrobras e outro para projetos de educação. "Estamos trabalhando com o governo em várias outras operações nas áreas de infra-estrutura, meio ambiente, transportes urbanos, abastecimento de água e administração de recursos naturais", acrescentou.

O diretor do Bird considera natural que o Brasil esteja remetendo à instituição, a título de amortizações e juros de débitos, uma soma superior à ajuda que recebe. Choksi explicou que durante 40 anos o País obteve junto ao Bird cerca de US\$ 18 bilhões, tornando-se o segundo maior devedor do banco: "O Brasil está pagando dívidas da década de 70."